

## MÍDIA E MODERNIDADE EM MANAUS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Media and modernity in manaus at the beginning of the 20th century

Media y modernidad en manaus en el inicio del siglo XX

**Luís Francisco Munaro**<sup>1,2, 3</sup>

### RESUMO

A proposta deste texto é refletir o ingresso da mídia e da modernidade na cidade de Manaus no início do século XX. Isso será feito por meio de discussão bibliográfica relativa à construção da cidade e à multiplicação de mídias e estratégias de intercâmbio de ideias. Nesta proposta, a cidade é apresentada como um ambiente comunicativo, como *lócus* privilegiado de trânsito de discursos modernos e monumento que busca afirmar uma utopia. O texto se divide em duas partes: uma primeira para a introdução da cidade e a contextualização da prensa modernizadora; e uma segunda para inserir na cidade as mídias modernas cada vez mais diversificadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia; Modernidade; Manaus; Ciclo da Borracha; Jornalismo.

### ABSTRACT

<sup>1</sup> Professor adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Graduado em História e em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [luis.munaro@ufr.br](mailto:luis.munaro@ufr.br).

<sup>2</sup> Uma versão deste trabalho foi apresentada no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>3</sup> Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal de Roraima. Av. Ene Garcez, S/N, Aeroporto, CEP: 69304-000 - Boa Vista, RR – Brasil.

The proposal of this text is to reflect the entrance of the media and the modernity in the city of Manaus at the beginning of 20th century. This will be done through a bibliographical discussion about the construction of the city and the multiplication of media and strategies for the exchange of ideas. In this proposal, the city is presented as a communicative environment, as a privileged locus of transit of modern discourses and a monument that seeks to affirm a utopia. The text is divided into two parts: a first for the introduction of the city and the contextualization of the modernizing hurry; and a second to insert in the city the modern media increasingly diversified.

**KEYWORDS:** Media; Modernity; Manaus; Rubber cycle; Journalism.

## **RESUMEN**

La propuesta de este texto es reflejar el ingreso de los medios y de la modernidad en la ciudad de Manaus a principios del siglo XX. Esto se hará por medio de una discusión bibliográfica sobre la construcción de la ciudad y la multiplicación de medios y estrategias de intercambio de ideas. En esta propuesta, la ciudad es presentada como un ambiente comunicativo, como locus privilegiado de tránsito de discursos modernos y monumento que busca afirmar una utopía. El texto se divide en dos partes: una primera para la introducción de la ciudad y la contextualización de la prisa modernizadora; y una segunda para insertar en la ciudad los medios modernos cada vez más diversificados.

**PALABRAS CLAVE:** Medios; modernidad; manaus; ciclo del caucho; periodismo.

Recebido em: 12.11.2017. Aceito em: 17.12.2017. Publicado em: 02.01.2018.

A modernidade europeia é comumente pensada como um lugar de conflito entre o pensamento racional e a sociedade tradicional e resistente, entre o impulso para o progresso e a tendência para o repouso nos limites e fronteiras já conhecidos. Além da habitual oposição entre o novo e o antigo, entre o obscuro e o iluminado, a modernidade é marcada pela autonomia crescente do indivíduo diante da vida comunitária, o que está patente inclusive na construção de cidades que se convertem em verdadeiros monumentos à privacidade. Se, na sociedade tradicional de Antigo Regime o homem era percebido como uma parte indistinta do todo e não havia propriamente um espaço que podia chamar de seu, a crescente submissão do Estado aos critérios de racionalidade do Iluminismo tornou a política "acessível" ao indivíduo. As decisões dos mandatários deveriam ser expostas à publicidade, debatidas, para que pudessem resultar no melhor processo de decisão, no modelo ideal de esfera pública de Jurgen Habermas (2003).

Esta transformação teve como seu grande teatro o século XVIII. Nele a literatura iluminista construiu uma oposição constante entre a clareza da razão e a obscuridade do absolutismo, a discussão pública e os processos litúrgicos, a sociedade aberta e a sociedade corporativa. Na prática, a Revolução Francesa apresentou a ideia de que a liberdade e a individualização eram um ideal passível de ser extensivo a qualquer homem. Estados e estruturas governamentais em toda a Europa e também na América se viram diante do impasse de absorver a racionalidade administrativa para poder dar conta de mudanças percebidas como inevitáveis ou então assistirem à tomada do poder pelas massas descontroladas. Tanto a construção dos Estados Unidos da América quanto os despotismos esclarecidos são fruto destas contradições que marcam o ingresso do mundo na modernidade.

O processo de racionalização, de "desencantamento" na linguagem weberiana, sobre o qual frutificou o

mundo moderno, já foi fruto exaustivas críticas, sobretudo dentre os filósofos da Escola de Frankfurt. Não é nosso objetivo apresentá-las aqui. Pode-se dizer, contudo, que há um evidente descompasso entre as pretensões iluministas europeias e a filiação involuntária das periferias mundiais ao processo de formação de Estados nacionais na Europa. Segundo Jurgen Habermas, a modernidade, ao girar em torno da racionalização cultural acaba por dissolver quaisquer formas de vida tradicionais (o autor se refere inicialmente às corporações de ofício) e se incrusta nas práticas cotidianas reconstruindo drasticamente modelos de socialização (HABERMAS, 2000, p. 4).

Nossa proposta, neste artigo, é perceber a chegada da modernidade num ambiente cultural bastante específico, quer dizer, a cidade de Manaus durante aquilo que se consumou chamar de ciclo da borracha, mas mais especificamente nas duas primeiras décadas do século XX. Faremos isso por meio de discussão bibliográfica relativa à construção da

cidade e à multiplicação das mídias e estratégias de intercâmbio de ideias no espaço urbano. Nesta proposta a cidade é apresentada como um ambiente comunicativo, como um *locus* privilegiado de trânsito de discursos modernos e, ela mesma, um monumento que busca afirmar uma utopia moderna. No caso de Manaus, as várias facetas assumidas pela mídia foram catalisadas pelo promissor comércio da borracha que promoveu o crescimento econômico e populacional (SANTOS, 1973).

Em Manaus, ao mesmo tempo em que se multiplicavam os espaços urbanos, cresciam as condições para a dispersão dos meios de comunicação. Os cafés e tavernas abrigavam o encontro das elites tradicionais e estrangeiros, lugares onde se intercambiavam notícias e se liam uma variedade de jornais locais ou de outros estados e mesmo países. Os salões dos teatros e cinemas permitiam a encenação de uma europeização também ela rapidamente construída para dar cara de civilização à cidade. Evidentemente, conforme avança a discussão, será

perceptível a aplicabilidade das ideias de Norbert Elias para a compreensão destas elites e sua faina modernizadora, seu apreço pela cortesia, pela demonstração externa de bons modos e capacidade de autocontrole (DAOU, 2014).

O jogo entre arcaísmo e modernidade (SOUZA, 2002) na Amazônia guarda aquela particularidade cantada pelo conquistador Aguirre retratado no cinema por Werner Herzog (1972). Trata-se de nomear aquilo que ainda não foi nomeado, aquilo que está fora do mapa, e assim torná-lo inteligível para o imaginário europeu. Evidentemente, para a Manaus que se quer um retrato tropical da Europa, a questão incide sobre dar significados aos sertões considerados habitados apenas por bárbaros. Destarte, diz respeito a uma modernidade que não, necessariamente, se firma sobre uma tradição de luta contra a obscuridade do regime político antigo. Daí o seu repouso sobre tudo aquilo que representa o europeu, seu gosto pelo adorno francês, a busca pela mimetização do comportamento dos grupos de

estrangeiros que, no início do século XX, compunham em torno de 10 mil dos 60 mil habitantes de Manaus.

Os meios técnicos que textualizaram a modernidade, em nossa compreensão, não podem ser compreendidos sem a própria cidade na qual se inserem, o palco para as mudanças em curso e também vitrine da República que nasce com a derrubada da antiga ordem monárquica. Tornada capital da recém criada província do Amazonas em 1852, Manaus vê chegar a navegação internacional em suas águas em 1867, o que permitiu à cidade conexão com o capitalismo europeu e norte-americano. Num processo explosivo do qual restaram "apenas as cinzas", Manaus adquiriu a fisionomia de uma cidade em ebulição, com participação substantiva de estrangeiros. O fluxo destes foi acompanhado pelo fluxo de nordestinos, que completaram a interiorização até os distantes sertões acreanos, onde protagonizaram a luta pela emancipação contra a Bolívia. Aos que se enfurnaram em localidades distantes, o único elo com

a *civilização* era, como lembra Leandro Tocantins, o trânsito das gaiolas (Apud. RIBEIRO, 2012, p. 110).

Por fim, cabe dizer que este é um trabalho inconcluso e sem pretensão de ser uma revisão bibliográfica completa. Ele diz muito mais respeito a uma exploração preliminar sobre a bibliografia que tem sido produzida, crescentemente, sobre a Amazônia, seu processo de modernização e as cidades erguidas durante o boom da borracha, aqui encarnadas em Manaus. Este artigo pode ser caracterizado, portanto, como exploratório pela sua tipologia e bibliográfico pela sua metodologia. Está dividido em duas partes: uma primeira para a introdução da cidade a partir das ideias de modernização e um segundo para a tentativa de fazer dialogar na cidade a mídia em sua fisionomia cada vez mais diversificada.

## 1. Cidade

A percepção de uma modernidade na Amazônia parece indissociável das rotas de comunicação abertas por meio

dos rios e da expectativa das cidades ribeirinhas em adquirirem produtos ou integrarem rotas de consumo. Como buscamos provar noutra ocasião, o trânsito de livros e jornais, por um lado, e de ideias e notícias, por outro, parecia estar intimamente dependente das rotas comerciais gradativamente acessíveis à navegação internacional (MUNARO, 2017). As cidades, ao mesmo tempo em que almejavam experimentar a civilização por meio do trânsito de navios, queriam figurar no circuito do Brasil republicano. Este processo, apressado pelo comércio da borracha, foi caracterizado pela súbita institucionalização dos poderes nos municípios amazônicos, pela construção de zonas urbanas e pela ampliação dos círculos sociais para além das fronteiras nacionais. Serão focalizados, nos limites deste artigo, a construção da cidade de Manaus e o fornecimento, em sua estrutura, de espaços onde se intercambiavam e consumiam ideias e notícias e, num segundo momento, os meios ou formas de comunicação que tinham a dispersão facilitada nestes

mesmos espaços. Pela limitação inerente a um artigo, o enfoque desta reflexão são as elites urbanas e letradas, dela ficando excluídos os imensos contingentes populacionais que reclamavam um espaço na cidade – ou mesmo condições de vida às margens do processo de modernização.

A cidade, além de ser o palco privilegiado para a execução dos projetos modernos, encarna também as aspirações de uma coletividade, representa, nesse sentido, uma espécie de utopia. A formação da cidade em meio à selva foi magnificamente explorada pela tese doutoral de Ana Maria Daou (2014). A autora se concentra na construção emblemática e cosmopolita do teatro, construção que seria capaz de encarnar as pretensões civilizatórias da cidade ainda provinciana e ajudaria a demarcar a sua fuga do estigma associado à distância dos centros ou da supremacia da vida indígena. As principais cidades amazônicas, Belém e Manaus, parecem assim se sobrepôr como obeliscos ao grande sertão amazônico onde imperava, segundo o discurso corrente nos jornais, a

barbárie indígena ou, como denunciava Alberto Rangel, a escravocracia dos seringais, mostrando ao estrangeiro a vitrine idealizada de um gosto europeu. A descrição destas inovações urbanas em Manaus tem sido bastante debatida pela historiografia. No período detalhado, casas aviadoras, lojas, companhias estrangeiras, teatros, cabarés, cafés e tavernas abrigavam encontros entre a elite tradicional onde residia a forte herança portuguesa e os variados grupos de estrangeiros que crescentemente se fixavam no local em busca de intercâmbios comerciais. No bojo de todo esse processo de interlocução entre o manauara e o estrangeiro estava a busca pela fuga do estigma sertanejo. Esta relação foi compreendida por Otoni Mesquita como “branqueamento”:

Como resultado das mudanças ocorridas no final do 19, surgia com o novo século uma outra cidade, que pode ser interpretada como a imagem da *vitrine* instalada, resultado de uma série de transformações. Todo processo de mudanças, com suas obras públicas, a introdução de novos costumes e a adoção de modernos serviços

públicos podem ser simbolicamente compreendidos como um 'rito de passagem' do processo de branqueamento através do qual a cultura local despia-se das tradições de origem indígena e vestia-se com características ocidentais (2006, p. 145).

Ao mesmo tempo em que iniciativas "de cima para baixo" buscavam sanear a cidade e dar-lhe uma roupagem ocidental, na esteira do ideário republicano que reconstruía exemplarmente o Rio de Janeiro como topônimo para todo o país, os próprios cidadãos se transformavam em uma peça de "propaganda" da cidade. Havia uma busca incessante pela divulgação de Manaus, pela sua transformação em um conjunto ideal de fotografias, cartões portais e poesias. Como lembra Selda Costa, neste processo em que a cidade se funde à sua própria representação:

o governo mandou escritores e políticos como propagandistas à Europa, fotografou a cidade em álbuns que percorreram as capitais europeias, metamorfoseou-a aos gostos estrangeiros. Manaus despiu-se de suas vestes indígenas, abandonou sua água de moringa por água de Vichy, trocou perfumes de

flores e raízes silvestres por sofisticados frasquinhos parisienses, desprezou seus aluás e o saboroso guaraná por *bourbons* franceses e pelo *schopp* alemão (COSTA, 1996, p. 21).

Noutras palavras, Manaus – assim como Belém – esforçava-se para produzir o seu encaixe na civilização ocidental e fazia-o tanto através dos seus espaços quanto através das representações que alimentava de si mesma. Neste processo, ficou caracterizada a construção de um traçado urbano capaz de comunicar ao estrangeiro a modernidade possível, a permeabilidade da cidade aos negócios, às ideias e às novidades. Ainda que, paralelamente ao notável desenvolvimento urbano e às demonstrações de riqueza os meios rurais registrassem surtos de doenças, escravidão e o genocídio de populações indígenas e, no espaço urbano, essas tensões fossem relegadas às periferias, as regiões centrais pareciam concentrar o esforço constante de transparecer a fina flor da civilização e demonstrar esta abertura tipicamente moderna ao novo (RIBEIRO, 2012, p. 42).

À disciplina dos espaços urbanos segue a disciplina dos corpos, o exercício constante do autocontrole, as demonstrações de boas maneiras que se encaixam na descrição civilizatória de Norbert Elias. Os indivíduos de “boa estirpe” buscavam mostrar os adornos civilizatórios, tanto na indumentária quanto nos hábitos, na capacidade de entabular conversa com o estrangeiro, na frequência com que leem jornais, sugerindo, pelo menos na forma de uma vitrine, a sua permeabilidade à novidade.

Como será sustentado na próxima seção deste artigo, modernidade e jornalismo possuem um sentido intrinsecamente voltado para a novidade. Não sendo de impressionar, dessa forma, que Manaus tenha apresentado quantidade de títulos de jornais maior do que o do Rio de Janeiro, capital da República. Estes jornais foram extensamente estudados por Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2015). Eles permitem perceber a variedade da experiência urbana que se estabelece em Manaus e também a busca sempre crescente pela

solidificação de costumes modernos – apesar dos vários atravessamentos, do rescaldo incessante da experiência tradicional notado pela autora. Os intelectuais que neles se pronunciavam muitas vezes revelavam o “ressentimento” pela distância dos grandes centros e sua literatura ecoava essa impossibilidade de se fazer ouvir: “como *Quixotes* abnegados, se lançavam numa batalha impossível, cientes de que, em seu pequeno mundo, poucos saberiam reconhecer seus méritos e a importância de suas peijas” (PINHEIRO, 2015, p. 126).

Dessa forma surge, paralelamente aos espaços urbanos, práticas renovadas de consumo e intercâmbio de novidades. E, sem estes espaços, seria mesmo pouco provável imaginar a permeabilidade da cidade às mídias modernas. A invasão dos estrangeiros torna notável a busca crescente por novas modalidades de aparição e figuração públicas que têm como epicentro estes espaços. No modelo de esfera pública de Jurgen Habermas, os espaços modernos (encarnados pelo café e pela taverna) são considerados espaços

fundamentalmente anti-hierárquicos. Neles os frequentadores se submetem à livre conversação abandonando as antigas etiquetas cortesãs (MUNARO, 2014). Evidentemente, esse tipo-ideal logo cai por terra na cidade em estudo, onde uma ilha de letrados buscava utilizar a linguagem escrita e os jornais como adorno e símbolo de distinção, mas também como fonte objetiva de informação política e comercial. De qualquer forma, a prática da livre interação nestes espaços seria capaz de evidenciar as qualidades e a predisposição do indivíduo para o debate, patente também em sua leitura de mundo, sua abertura para a novidade e sua capacidade para o convívio com diferenças culturais. Como observado pelos comentaristas, contudo, entre as elites manauaras essa diferença dá lugar a uma notável homogeneidade, a uma tentativa constante, mesmo na literatura e na produção jornalística, de mimetizar o comportamento europeu.

A vasta literatura produzida por viajantes, entre eles Euclides da Cunha e

Anibal Amorim (MESQUITA, 2006, pp. 150-154), dá conta de um trânsito contínuo de pessoas apressadas. À visão bastante negativa de Euclides segue o elogio de Amorim ao ambiente “acentuadamente europeu” que tornava Manaus comparável ao Rio de Janeiro – apesar de ser um “viveiro de ambições e luxúria”. Uma variedade de lugares abria espaço para o convívio do público masculino, interação regada a cerveja, já que “rituais de bebida, tradicionalmente, celebram a solidariedade, a comunhão de interesses e a amizade entre os que bebem, revelando-se assim, mesmo nas modernas sociedades urbanas, como *locus* de instauração de reciprocidades” (DAOU, 2014, p. 293). Diante destes ambientes transformados, resta perceber como se colocaram novas formas de mídia, quer dizer, como a cidade em ebulição permitiu o trânsito e o cultivo de hábitos de comunicação considerados modernos em detrimento das culturas orais. Sendo de destacar que, muito embora haja um cultivo crescente da cultura letrada, esta não apaga nem muito menos substitui as

inúmeras modalidades de leitura já existentes antes da chegada da máquina de tipos.

## 2. Mídia

O desenvolvimento da mídia moderna, compreendida na acepção de John Thompson como “meios técnicos empregados na transmissão de conteúdos simbólicos” (1998), tem como epicentro na cidade o desenvolvimento da cultura letrada. Antecipa-se à produção de livros, no caso do ciclo da borracha, a produção bastante alargada de jornais não somente em Manaus e Belém como em pontos variados da rede hidrográfica do Rio Amazonas (MUNARO, 2017). Não se discute aqui o papel pioneiro exercido pelo jornal o *Paraense* (1822) de Felipe Patroni e de publicações que surgiram na sua esteira, publicações estas ainda vinculadas à questão da independência brasileira e ao estabelecimento das fronteiras imperiais. Por outro lado, também é bastante visível como, na formulação insistente de Márcio Souza, o discurso moderno contribuiu para soterrar

na Amazônia uma expressão amazônica (1977).

De todo o modo, o jornal é a principal mídia a textualizar essa transição moderna na Amazônia e nos relegou vestígios importantes sobre o conflito entre o arcaísmo e modernidade nas cidades ainda incipientes. Segundo John Hartley (1996), os jornais, em meio ao caos das transformações modernas, assumem a responsabilidade de organizar uma rotina e hierarquizar eventos a partir da importância que podem adquirir para os públicos. O jornalismo pressupõe assim a existência de conjuntos de leitores anônimos capazes de demonstrar interesse pelas novidades que ocorrem no espaço urbano e nacional. Desta forma, ele se difunde particularmente em culturas urbanas e dificilmente pode ser pensado independentemente das transformações relativas à cidade e à nação. A dispersão de jornais pela árvore de rios amazônicos indicia a formação de vários públicos ou então de pequenos círculos corporativos de leitores. Ademais, ela permite indagar o alargamento das

práticas de leitura através da leitura em voz alta ou coletiva, do uso de recursos mnemônicos como o cancionero ou mesmo da imagem.

Considerando a ampla rede hidrográfica cujo hub, ponto nevrálgico, é Manaus, pode-se destacar a importância capital do jornalismo desempenhado nesta cidade, com um número de ao menos 442 títulos de jornais entre 1850 e 1921 (MUNARO, 2017, p. 32). Parece inegável que o jornalismo conheceu particular desenvolvimento em Manaus durante o ciclo da borracha e pode ser considerado um documento privilegiado das transformações ali em curso. Pode-se mesmo argumentar que ele textualizou a cidade e deixou indícios significativos da ansiedade manauara em construir-se como um hábitat moderno.

Ao mesmo tempo em que o jornal ajuda a organizar e dar sentido para as práticas urbanas, ele também se alimenta da vida urbana. É através dos jornais que entramos em contato com a percepção dos habitantes sobre as mudanças e entrevemos sua dedicação para participar

e apressar essas mesmas mudanças que indiciam a modernidade, o confronto com o antigo mundo bárbaro. Os jornais documentam, além disso, a presença da modernidade na forma de diversas outras mídias como o cinema, salas de teatro, a literatura de folhetim e a poesia, não sendo, portanto, exclusivamente espaço de notícias, mas também um espaço alusivo à própria cultura burguesa. Assim, poder-se-ia dizer que eles se constituem um adorno ideal para a cidade que se quer modernizar.

Tanto o jornalismo quanto a modernidade são produto de culturas europeias e estão associados ao pensamento científico, industrialização e emancipação política, a noções de liberdade, progresso e ruptura com conhecimentos tradicionais e hierarquias (HARTLEY, 1996, pp. 33-4). A proverbial expansão do jornalismo em Manaus implica pensar a existência desse mercado, um público virtual que ambicionava a expressão da novidade noticiosa. Os estudos de Maria Luiza Ugarte Pinheiro documentam esse

fervilhar da experiência urbana e, nela, a presença contínua de jornais. A autora identificou, em vários retratos de início do século XX em Manaus, cenas em que indivíduos aparecem empunhando jornais, nas tavernas e nas ruas. A autora sustenta também que, a despeito da insistência com que a maior parte das folhas buscava enaltecer a cidade e afirmar a prodigalidade do comportamento urbano, também se disseminavam jornais com maior teor crítico:

Fruto desse período de transição de um modo de vida a outro, a imprensa amazonense tendeu com mais facilidade a reforçar os novos valores e até mesmo a mostrar-se como decorrência deles. Por outro lado, diversas folhas locais colocaram-se criticamente frente às mudanças, principalmente denunciando os limites estreitos e os comprometimentos dessa 'modernidade manauara' (PINHEIRO, 2015, p. 119).

Em sua narrativa sobre a esfera pública, Habermas ilustrou os usos feitos pelo café e pela taverna pelos frequentadores comuns, políticos e jornalistas, que lá trocavam notícias e alimentavam coletivamente o fluxo de

informações nos próprios jornais. Algumas ideias ou práticas, dessa forma, não podem sequer ser imaginadas sem a existência destes espaços (2003). É possível mesmo argumentar que os discursos são intimamente dependentes da materialidade em que se encontram inscritos e dos espaços em que circulam. Por si só, o espaço dentro da cidade implica num determinado tipo de postura e discurso, permite uma determinada forma de sociabilidade e abertura e convívio com a novidade. Sem dúvidas, os espaços modernos gradativamente criados como cafés e tavernas, com sua permeabilidade aos clubes e agremiações, às "igrejinhas intelectuais" (PINHEIRO, 2015) são fundamentalmente receptivos à cultura da novidade, para não dizer ao culto do novo e da notícia.

Segundo a crítica elaborada por Márcio Souza, o interesse e a busca por mimetizar o comportamento europeu acabou construindo nos jornais e na literatura uma cultura alienada da própria Amazônia, como teria sido também a sua formação urbana. Para o autor, a literatura

que alcançava algum público e era difundida nos jornais raramente alcançou o formato “universal” do livro. Souza sugere que a carência desse tipo de produção, o aspecto da ficção confinado ao limite exclusivamente jornalístico, se deve à carência de um público leitor cujo interesse estivesse treinado para imaginar uma experiência cultural amazônica. Daí o caráter forasteiro ou submisso da literatura produzida e disseminada pelos jornais. Sobre estes artistas, o autor sugere serem

Medíocres, alienados, a maioria desses artistas-bacharéis que fizeram a cultura do ciclo da borracha não conseguiu reconhecer a necessidade de uma consciência crítica, autônoma, originária, e se submeteu à ideologia da ostentação. Nenhuma obra conseguiu ser singular, escapar da servidão engalanada. Ler um poeta é ler todos e ter uma melancólica visão de pobreza (SOUZA, 2007, p. 54).

Assim, estes intelectuais ou artistas-bachareis fechavam-se muitas vezes em “igrejinhas” e disputavam oposições programáticas nos jornais e nos clubes (PINHEIRO, 2015, p. 143). Quer dizer, tanto

o espaço do clube quanto a cultura do jornal serviam como expressão de grupos de letrados que aspiravam participar do mundo das letras. Apesar dos confrontos escritos crescentes entre as igrejinhas de letrados, a autora pontua que as experiências com o “jornalismo empresarial” já começavam a impor limites ao uso de expressões e termos jocosos característicos das igrejinhas. De uma forma geral, é praxe considerar a arte e a cultura do período firmemente atados aos ornamentos culturais europeus. Havia, nesse sentido, um “vício na importação”, mesmo no que diz respeito à apresentação jornalística, ao comportamento político, à arquitetura. Segundo sugere Maria Luiza Pinheiro,

a constituição do pequeno grupo de intelectuais amazonenses, em fins do século XIX e início do XX, é apresentada nos trabalhos de Batista, Jobim e Lins, como o resultado de um dos mais importantes triunfos da modernidade, aquele em que a razão e a ciência impulsionavam o mundo em direção ao progresso material e espiritual. Será sobretudo por este enquadramento que se buscou distinguir a ação dos ‘homens de letras’ como imbuída de uma relevância social inquestionável:

como 'divindades civilizadoras', sua função (ou seu destino) era vencer a barbárie e o arcaísmo (PINHEIRO, 2015, pp. 126-7).

Estes homens letrados e os jornais, assim, assumiam a tarefa colossal de produzir cultura em meio ao sertão. Pela ausência de instituições de ensino superior na Amazônia, buscavam formação em outros lugares, apreciavam – para não dizer que cultuavam – a cultura adquirida nas universidades e catedrais de ensino, estivessem elas no Brasil ou na Europa (DAOU, 2014). O conhecimento na forma de adorno era depositado nos jornais e servia para alimentar a rápida e fugaz fama do bacharel. Nesse sentido, o interesse pela expressão cultural raramente ultrapassava o limite do jornal, com seu noticiário e literatura construída na forma de poesia (SOUZA, 2007, p. 58). Essa cultura encarnada pelo jornal, pelo café e pela taverna compõem, em conjunto, uma esfera pública mitigada, rapidamente erguida durante o boom da borracha, mas com demasiados espaços de interdição simbólica, na medida em que não servem propriamente para o

espetáculo do debate. É inegável, contudo, que os poetas e jornalistas que disputam leitores num mercado virtual dispõem dos espaços urbanos para os encontros, discussões, trocas de ideias e mesmo compartilhamento de notícias. Os clubs e agremiações forneciam o espaço necessário para o intercâmbio cultural dessa produção – clubs que podem ter espaço em residências, tavernas ou cafés.

A ideia, contudo, de que os ambientes eram crescentemente permeados pela mídia em suas formas modernas não encontra melhor exemplo do que na cultura do cinema. Tanto quanto o teatro se apresentou como uma prática passível de levar os senhores e as senhoras a vestir-se com as suas melhores roupas para a encenação da vida de elite, o cinema gradativamente ocupou espaços e se tornou pródigo na ideia de que apresentava a Manaus mais uma dádiva da modernidade. Várias tentativas de exibição do cinematógrafo tiveram espaço ainda no século XIX até se tornarem uma febre ao longo da década de 1910. Conforme se expandiam as suas práticas

de consumo, ele ia saindo dos teatros e ganhava espaços específicos que faziam o gosto das elites manauaras. Como sustenta Selda Costa,

O cinema demorou a afirmar-se em Manaus, mas depois que conquistou o gosto do grande público e, mais tarde, com os filmes de arte, a admiração da elite endinheirada, reinou absoluto, a todos contaminando com sua magia, chegando a ser comparado a uma verdadeira praga: 'Manaus presentemente atravessa uma crise assustadora em tudo. Desde a da praça, que é a mais feroz, até a do bom gosto. Diversões aqui só se resumem nesse flagelo epidêmico que é o cinema' (*Correio do Norte*, 1911) (Apud. 1996, p. 33).

Desta forma, o cinema ganhou espaço diante do teatro e se tornou pauta crescente dos jornalistas e críticos de toda a sorte. Também a música, confinada antes ao teatro, começou a migrar para as salas de espera do cinema, não sendo raro que composições fossem elaboradas exclusivamente com esta finalidade (COSTA, 1996, p. 84). Apesar do tradicional barulho feito em torno desses templos da modernidade, indícios da

civilização manauara – como na imagem emblemática de Werner Herzog em que Fitzcarraldo assiste à ópera no Teatro Amazonas (1982) – vários retratos de época demonstram a incompatibilidade entre os impulsos (no sentido de Norbert Elias) do habitante de Manaus e o autocontrole exigido pela figuração nestes espaços. Numa lembrança de Mario Ypiranga,

em seu livro sobre o Teatro Amazonas, onde reúne uma curiosa lista de informações deliciosas e por analisar, protesta em determinado momento contra o baixo nível das programações atuais e do comportamento pouco recomendável da plateia contemporânea. Mas, ali mesmo, em suas páginas, vemos que os coronéis não consumiam coisas melhores. Mário Ypiranga desfaz o mito dos Carusos e Pavlovas, mostrando que os espetáculos, na grande maioria, eram de café-concerto, prestidigitação e burletas de obscenidade velada, encenadas por companhias de segunda linha. Quanto à plateia, numa época que a geração de Mario Ypiranga venera como exemplo de respeito, comportava-se como num *saloon* de Kansas City. Eram comuns os incidentes no interior do Teatro Amazonas, com foguetórios e arruaças (SOUZA, 1977, p. 106).

Não parece ter havido tempo, portanto, para interditar a bebedeira e os maus hábitos nestes espaços que urgiam apresentar a modernidade de Manaus e do seu habitante. Na crítica elaborada por Márcio Souza e Selda Costa, assim como por literatos de época como Ferreira de Castro e Euclides da Cunha, por maiores que fossem as demonstrações exteriores de pompa e polidez, o manauara se mostrava incompatível com a cidade que tentava construir e seu uso dos meios de comunicação seriam um indício disso. Tanto quanto a arquitetura, replicariam o gosto pela tradução, o uso exagerado do adorno, o modismo. Marcio Souza sugere que, com maior sensibilidade, a literatura conseguiu capturar, sobretudo através de Ferreira de Castro e Euclides da Cunha, no exterior da cultura jornalística, o estado decrépito de vida ostentatória dos seringalistas que esbanjavam dinheiro na cidade, ao mesmo tempo em que a exploração da pobreza nos seringais, a vida promíscua e a cultura artística transformada em pretexto para uma

publicidade incipiente (SOUZA, 2007, p. 62).

Ainda para Márcio Souza, foi a produção dos documentários cinematográficos de Silvino Santos que conseguiu, através da exposição dos seringais e da vida urbana, começar a desnudar, muito embora este não tenha sido o seu propósito, a inumanidade do sistema de exploração extrativista da Amazônia, a oposição entre o ambiente rural e urbano, entre a civilização e a barbárie. De qualquer forma, até o final da década de 1920 o caboclo, figura fundamental para a compreensão da Amazônia, não aparecia senão de forma muito ambígua nestas mídias. O jornalismo impresso, que esboçava em seu bojo preocupações sociais, como no caso da imprensa operária, foi o que primeiro começou a absorver em suas páginas os reclames de setores mais amplos da população (PINHEIRO, 2015).

A produção de Silvino Santos, aplaudida nos salões e cinemas manauaras, mas também no Rio de Janeiro e capitais europeias, é considerada

topônimo para o cinema amazônico do período da borracha. O documentário “No Paiz das Amazonas”, de 1922, tornou o cineasta famoso no mundo inteiro e contribuiu para a construção de uma propaganda sobre Manaus e sobre a Amazônia. Por detrás dessa produção está o patrocínio de J. G. Araújo, empresário com enorme capital acumulado dos tempos áureos da borracha. Teria sido o próprio J. G. Araújo a liderar a aventura radiofônica de José Cláudio de Souza, responsável pela inauguração da Rádio Difusora do Amazonas em 1948.

Esta diversidade de tecnologias de mídia permitiu também a expansão da crítica. Sobretudo o rádio, mídia mais tardia na Amazônia, teve papel fundamental na desestruturação de laços de poder tradicionalmente atribuídos aos coronéis. A introdução gradativa desse meio acessível às populações ainda não alfabetizadas contribuiu para criar entre empregados, sobretudo rurais, o esboço de uma crítica ou mesmo a formação de um vínculo mais independente com relação ao empregador. Teria sido o rádio,

segundo afirma Vitor Nunes Leal, um dos elementos de capital importância para o fim do coronelismo no Brasil (LEAL, 2012, p. 9).

### **Considerações finais**

Os livros impressos possuíram no início da idade moderna papel fundamental na estruturação de uma nova forma de percepção do indivíduo, quer dizer, na percepção do indivíduo como ente com vontades independentes daquelas da comunidade. É possível mesmo defender que conforme se consolidou a possibilidade de uma leitura e interpretação individual do mundo se enfraqueceram as estruturas da sociedade litúrgica baseada na tradição e se fortaleceram as línguas nacionais. No caso brasileiro, mais específico no caso da Manaus aqui estudada, as práticas letradas permearam parcialmente os ambientes urbanos mas não serviram para a expressão de uma cultura propriamente individualista, transformando-se numa espécie de veículo privilegiado para demonstrar a docilidade do cidadão aos

costumes civilizados. Muito embora tenha havido uma verdadeira explosão de espaços e mídias modernas, não houve, paralelamente, uma produção cultural capaz de indagar o sentido mais profundo da modernização do ciclo da borracha. Nesse sentido, tanto a cidade quanto as expressões comunicacionais nela encetadas parecem ter sido o resultado de um esforço mimético cujo desfecho foi empurrar para a periferia aquilo que então passou a se denominar barbárie.

A modernidade pensada como um conflito entre o passado e o futuro representou, nesse sentido, muito mais a mimese do europeu do que o cultivo do indivíduo em detrimento da comunidade. Os contornos desta “modernidade manauara” são caracterizados pela dispersão dos meios de comunicação entre os elementos urbanos constituintes de uma elite de fisionomia recente. Pode-se dizer, por fim, que a sociedade corporativa dos coronéis venceu a força moderna pelo verdadeiro monopólio da vida econômica e intelectual, mas, ao mesmo tempo, sufocou uma expressão

possível da Amazônia, se levarmos em conta as conclusões de Márcio de Souza.

A auto-representação feita pela elite como guardiã da razão não alcançou o estágio de produção de uma reflexão sobre si ou sobre o lugar da Amazônia no mundo, ficando os jornais, tanto quanto as salas de cinema, relegados ao papel de apresentar “divindades civilizadoras” na forma de objeto de culto. Como na crítica de Jurgen Habermas, nesse caso a modernidade acabou por dissolver formas de vida mais tradicionais e reconstruir modelos de socialização que relegaram para longe das Luzes a participação de quaisquer elementos considerados inconvenientes.

### Referências

COSTA, Selda Vale. **Eldorado das Ilusões**. Cinema e Sociedade (Manaus 1897-1835). Manaus: Editora da UFAM, 1996.

DAOU, Ana Maria. **A Cidade, o Teatro e o 'paiz das seringueiras'**. Práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX. Rio de Janeiro: rio Book's, 2014.



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 1, Jan-Abr. 2018

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Transformação estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HARTLEY, John. **Popular reality: Journalism, modernity, popular culture**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

LEAL, Victor Nunes Leal. **Coronelismo, enxada e voto**. 7a ed. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

MESQUITA, Otoni. **Manaus**. História e arquitetura (1852-1910). Manaus: Valer, 2006.

MUNARO, Luís Francisco. **O jornalismo português em Londres**. Retrato de um tempo e de uma profissão. Rio de Janeiro: Publit, 2014.

MUNARO, Luís Francisco (org.). **Rios de Palavras**. A imprensa nas periferias da Amazônia. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Manaus: EDUA, 2015.

RIBEIRO, Odenei Sousa. **Tradição e modernidade no pensamento de Leandro Tocantins**. Tese de doutorado apresentada na UFAM. Manaus, 2012.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia**. 1800-1920. São Paulo: T.A. Queiroz, 1973.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**. Do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

SOUZA, Márcio. "Amazônia e modernidade". IN: **Estudos Avançados**. vol.16 no.45 São Paulo May/Aug. 2002. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142002000200003>

SOUZA, Márcio. **Silvino Santos**. O Cineasta do ciclo da borracha. Manaus: Edua, 2007.